

A FUNDAÇÃO DO AMÉRICA FOOTBALL CLUB NO CONTEXTO SOCIAL E ESPORTIVO PARANAENSE DA DÉCADA DE 1910

André Mendes Capraroⁱ

Resumo: Este escrito procura analisar, segundo os procedimentos historiográficos da micro-história e da teoria do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, a fundação do América Football Club, antecessor do atual Clube Atlético Paranaense, comparando os escritos dos literatos que abordaram tal tema com as fontes a respeito do mesmo.

Palavras-chave: América Football Club – Futebol Paranaense – História Regional

Abstract: This paper intends to analyze, using microhistory historiographic methodology and Carlo Ginzburg's evidential paradigm theory, the foundation of América Football Club, which is the previous name of Clube Atlético Paranaense, by comparison between the literature regarding this subject and its sources.

Keywords: América Football Club – Football in Paraná – Regional History

“No futebol o pior cego é aquele que só vê a bola”.
Nelson Rodrigues, escritor e cronista

Os Primórdios da Prática Futebolística no Paraná

Um momento bastante polêmico, nos primórdios do futebol paranaense, foi a fundação do América Football Club, em 1912, clube que posteriormente iria se fundir ao Internacional F. C. tornando-se o atual Clube Atlético Paranaense.

Alguns memorialistas do futebol paranaense afirmam que o América teve suas origens dentro do próprio Internacional, sendo consequência do excessivo número de atletas que praticavam futebol neste clubeⁱⁱ. Comprovando o grande número de atletas vinculados ao Internacional era noticiado: “Internacional Foot-ball Club – Como anunciado se achava, realizou-se domingo um match entre os teams Y e X deste importante club de foot-baller. (...) É opinião dos internacionalistas foot-baller que o team Y venceu devido ao training, pois o X pouco exercício faz.”ⁱⁱⁱ Com o passar dos anos, as partidas entre o primeiro e o segundo quadro, se tornavam cada vez mais equilibradas, começando a fomentar uma rivalidade entre os próprios associados:

Amanhã no ground do Internacional Foot-ball Club, na Água Verde, os 1^{os} e 2^{os} teams jogarão um “match training”. A julgamos pela animação e entusiasmo reinante entre os valentes rapazes da gloriosa associação

desportiva o encontro vai ser dos mais interessantes. Quer o primeiro, quer o segundo “teams” dispõem de elementos poderosos que sustentarão, de parte a parte, a lucta com vigor e seu camorecimentos [sic].^{iv}

Assim, alguns dos jogadores pertencentes ao segundo quadro (o que corresponderia na atualidade ao time reserva), descontentes com a condição de poder disputar apenas partidas amistosas, geralmente contra o primeiro quadro, resolvem fundar outra agremiação.

Os mesmos autores memorialistas, citados acima, atribuem como evento principal para a definitiva separação, o pedido – por parte dos membros do segundo quadro – para a compra de um jogo de camisas. O pedido foi negado pela diretoria, criando um clima tenso, subentendendo-se que os privilégios eram sempre destinados ao primeiro quadro^v. As fontes analisadas não permitem confirmar tal hipótese. Não existe nenhuma documentação sobre os dois clubes – América F. C. e Internacional F. C. –, e também o periódico *Diário da Tarde* nada noticiou sobre tal entrave entre os associados do Internacional, embora tenha comprovado o número excessivo de associados dispostos à praticar o futebol no clube.

Outro aspecto substancial levantado na obra memorialista, diz respeito ao fato da fundação do América F. C. não ter sido rápida e “emotiva”, e sim um processo que havia se iniciado, pelo menos, seis meses antes da fundação, em 24 de maio de 1914^{vi}.

Assim, em novembro de 1913, o *Diário da Tarde* noticiava a primeira reunião para fundação da Liga, estando presentes representantes das seguintes equipes:

Os clubes foram assim representados: Internacional – srs. João Laborgue, Jorge Leitner e Edgar Torres; Paraná – dr. Mario Carneiro e Lincoln Neves; Curitiba – João Seiler, F. Essenfelder e Fraub; “América” F. Neugast e Romeu Santos; Brasil de Paranaguá – J. A. Guimarães; Sul América – Alberto Manfredini, Clovis Guelbeck Lycio Laynes; Ivahy – Paschoal Bleggi, e Paranaguá – Arcésio Guimarães. Os clubs de Ponta Grossa deixaram de se representar.^{vii}

Como pode ser observado, na primeira iniciativa para formalizar o futebol no estado, já constava na relação de clubes convidados, um chamado América. A probabilidade deste clube ser o mesmo América oficialmente fundado em 1914 não pode ser descartada, principalmente porque o redator da matéria escreveu, cuidadosamente, o nome América entre aspas.

Mas, é relevante destacar, nenhum dos dois representantes do futuro América constavam no quadro dirigente do Internacional. Caso fossem membros ativos ou

jogadores importantes do Internacional, encontrar-se-ia seus nomes citados na bibliografia ou nas fontes históricas consultadas e nada foi encontrado sobre ambos. Se eles realmente tinham algum vínculo com o Internacional era algo irrelevante para o clube, mas nem isso pode ser comprovado.

Ainda sobre a sociogênese do América F. C., pode-se recorrer a genealogia como recurso de diagnóstico do perfil. Analisar-se-á então, os sobrenomes dos representantes do América na reunião: Neugast e Santos e, também, do seu primeiro presidente o sr. Augusto do Rego Barros. Constatou-se, assim, a presença de um sobrenome de origem germânica – Neugast – reforçando a presença étnica no início da prática futebolística na cidade de Curitiba; o valorizado posto de Capitão do Exército ocupado pelo sr. Augusto do Rego Barros; e o sobrenome Santos, classificado, segundo Oliveira^{viii}, como pertencente à genealogia dominante do estado do Paraná. Contudo, o sobrenome era comum no Brasil e o nome Romeu Santos não consta na genealogia paranaense. Ficando aberta a possibilidade de enquadramento em um determinado perfil sócio-econômico.

Encontrou-se, também, uma foto dos jogadores do América e serão analisadas suas particularidades:



Jogadores do América Football Club posando para as câmeras de um fotógrafo no ano de 1917^x. O local não é determinado mas, pelo traje e as expressões de felicidade, tratava-se de alguma excursão às cidades próximas – provavelmente Paranaguá ou Ponta Grossa.

A imagem, embora fosse registrada em um contexto informal, pode fornecer um preciso quadro descritivo: os jogadores “americanos” estavam apenas agrupados; todos vestiam ternos – roupa comum na época –, alguns usavam chapéus, outros seguravam-no ou deixavam-no de lado e outros se encontravam, aparentemente, sem

ele; para posar para foto apenas se dispuseram desordenadamente em um barranco, sem nenhum atrativo visual no plano secundário. Possivelmente, a foto fora tirada em um momento ocasional.

Mas, o mais importante desta fotografia foi a presença, bastante incomum para época, de um atleta de características mestiças, situado bem no plano intermediário da foto. Fortalecendo a suposição de que o América F. C. não era um clube de características sociais elitistas tão densas quanto às outras equipes paranaenses. Já que os mecanismos de exclusão utilizados pelos primeiros clubes brasileiros, como o Internacional F. C. e o Coritiba F. C., dificultavam bastante a presença de negros e mestiços – geralmente pertencentes às classes pobres – nos seus quadros^x.

É prematuro afirmar que a prática futebolística já deixara de ser segregacionista, muito menos que poderia ser um indício do confronto entre amadorismo e profissionalismo (a etapa chamada de profissionalismo marrom)^{xi}. Assim, considerar-se-á que o rapaz mestiço era apenas uma exceção no meio dos jogadores brancos. Mas, com o crescente número de clubes surgindo em Curitiba, o exemplo influenciador dos outros grandes centros (que já tinham várias ligas locais agrupando diferentes segmentos populacionais); e a função higiênica-civilizadora que supervalorizava o esporte como elemento formador da raça brasileira, pode-se acreditar que o futebol começara a se tornar mais praticado cá pelos lados dos campos gerais.

Finalizada a análise comparativa iconográfica^{xii}, pode-se atentar para outro detalhe relevante: embora a fundação do América seja remetida pelos memorialistas do futebol paranaense à data de 24 de maio de 1914, não existiu sequer uma nota que mencionasse tal fundação na imprensa local. Mais estranho ainda é que, durante todo o ano de 1914, nada foi escrito sobre o América, mas se mencionava constantemente uma equipe vinculada ao Internacional Football Club chamada de “Internacional Medio”. Contrariando as datas “oficiais”, o *Diário da Tarde* noticiava em setembro 1913 uma partida de futebol disputada no Prado do *Jockey Club*, entre o Club Americano e uma outra equipe chamada América Club^{xiii} – era o mesmo América objeto desta análise, pois existiam alguns nomes na relação de atletas que poderiam ser vinculados a jogadores do Internacional. Constavam na relação Júlio e Ivo irmãos de sobrenome Leão, família tradicionalíssima no estado, proprietária da empresa exportadora de erva-mate Mate Leão S/A. Não eram os únicos: existia, um sobrenome comprovadamente pertencente às duas equipes: Mader, presença no segundo quadro do Internacional^{xiv} e escalado nesta equipe do América.

Mesmo não havendo vínculos aparentes quanto às diretorias, como foi analisado anteriormente, existiram realmente alguns jogadores em comum.

Relacionando este fato com a falta de notícias sobre o América, no ano de sua suposta fundação, deduz-se que o clube não despertava o interesse dos periódicos locais (acredita-se que suas características não eram tão elitistas quanto as do Internacional, Paraná ou Coritiba). Mesmo contando com alguns jogadores do segundo time do Internacional, o América era secundário na prática futebolística paranaense – mas somente no período antes da criação da Liga, nos anos de 1913 e 1914, pois, em 1915 era relatado: “Os torcedores trepados pelas grades, no auge do entusiasmo, aplaudiam o valente América.”^{xv} Só que o mais substancial na busca das origens “americanas” foi encontrado num período, muito anterior ao afirmado. Dessa forma, “prematuramente” em relação à data oficial, era noticiado em 17 de outubro de 1912: “Realizar-se-a, amanhã, caso o tempo permita, no ground do Gynnasio Paranaense, um match entre os jogadores do ‘Paranaense Foot-ball Club’ sendo um team constituído por jogadores do ‘Contestado’ e outro ‘Misto’. (...). Servirá de referee o sr. Plínio Carlberg, capitain do *América Foot-ball Club*.”^{xvi} A hipótese do surgimento antes das datas oficiais é ainda maior quando analisa-se, na mesma nota jornalística, os nomes dos jogadores da equipe do “Paranaense Foot-ball Club”. Na escalação da equipe consta novamente o sobrenome Mader, aumentando a coincidência. Sabendo que Mader era apenas um jovem estudante do requintado colégio Paranaense Marista, podemos acreditar que ele – e seus possíveis companheiros de América – ainda não chamavam a atenção das colunas sociais e esportivas da época por causa da sua juventude, que se supõem estar na faixa etária entre os 13 – 16 anos. Sobre a prática futebolística nos colégios religiosos, Gilmar Mascarenhas de Jesus afirma que tais atividades já eram há tempos um elemento usado para “...canalizar as paixões consideradas impróprias por meio de outras paixões: os jogos.”^{xvii}

É importante lembrar que não era incomum na época um jovem participar em várias equipes de futebol. Provavelmente, então, Mader e alguns de seus companheiros, jogavam na equipe do Colégio, no pequeno clube juvenil – criado por eles mesmos – chamado América e, também, nos quadros menos conhecidos do Internacional *Football Club*. A confusão estabelecida pela literatura existente sobre a fundação do América F. C., pode ter sido originada pela atual lei de “passe do atleta”; lei esta, que não permite ao jogador um vínculo empregatício com mais de um clube. Ora, naquela época o jogador não era um empregado do clube, ele era um associado. Este pensamento atemporal levou alguns dos pesquisadores da história do futebol a acreditar que um jogador só poderia jogar em uma equipe após sair da anterior. Assim, Mader, por exemplo, só poderia jogar no América deixando o Internacional. Mas, as leis referentes ao “passe” dos jogadores são bem mais recentes, remetendo ao período onde o futebol se profissionalizara. Na década de 1910, o futebol ainda era

amador, dessa forma, praticar futebol naquela época em mais de uma equipe, seria na atualidade algo como ser sócio de mais de um clube social, perfeitamente cabível.

Portanto, a não ser que se trate de um improvável caso homônimo – tanto do clube, quanto de jogadores –, o América existiu muito antes do que se supunha. O que até permite supor que o surgimento dos clubes possa ter antecedido, em muito, as datas das suas respectivas atas de fundação. Caso a nota jornalística realmente se refira à mesma equipe, o América, que, segundo a memória, surgiu de dentro do Internacional, poderia até mesmo ter sido fundado antes deste. Mas, isto não é o mais notório: a presença do jogador mestiço; a possível origem escolar do clube; o fato de não ser tão noticiado quanto os clubes tradicionais – Internacional, Coritiba e Paraná; e mesmo, a fotografia dos jogadores do clube; dá o primeiro indício^{xviii} do surgimento em Curitiba de um clube com características menos elitizadas.

Existe, ainda, uma outra fonte de informação bastante elucidativa. Em 1924, passado apenas uma década e alguns anos após o surgimento dos primeiros clubes, um outro diário, a *Gazeta do Povo*, dedicava uma matéria extensa sobre uma “breve história do futebol paranaense”. Nesta constava, além de relatos sobre os campeões até aquele momento, uma pequena nota sobre as origens de cada clube. No texto existia um adendo justificando o porquê de não ser contada a história de todos os clubes federados. O motivo era que o referido jornal havia solicitado aos clubes que enviassem informações sobre suas origens e, apenas alguns haviam enviado. Supõe-se, então, que o relato, exposto logo a seguir, foi enviado pelos próprios dirigentes americanos. Estava escrito a respeito do América:

O América F. Club foi fundado a 24 de Maio de 1914. Delle fazia parte grande numero de socios do Internacional, contando-se alguns jogadores. Em 1914 o América tornou-se independente. Nos últimos dias de 1914 jogou contra o Internacional (2º quadro) e foi derrotado por 2 a 1. No Domingo seguinte o América enfrentou o novamente o 2º quadro do Internacional, derrotando-o por 3X0. Mais tarde conseguiu vencer o Paraná, Curityba, e o 1º quadro do Internacional. Em 1915 após a sua reorganização passou a se chamar América Sport Club, a 30 de Janeiro de 1915, sendo seu presidente o saudoso capitão Augusto do Rego Barros. Nesse ano o América adoptou as cores vermelha e branca.^{xix}

A fonte “proximal” oferece indícios suficientes para acreditar que existiram, na verdade, duas fundações: a primeira, informal, imprecisamente desde 1912 e, a segunda, oficial em 1914. Reforça também o vínculo clubístico com o Internacional F. C., usando um termo interessante quando discorrido sobre tal tema: tornar-se

“independente”. Seria mais uma possibilidade de tensões entre os clubes? E, se existissem tais tensões, quais seriam os motivos?

É uma possibilidade que as fontes históricas consultadas não puderam “responder”. Contudo, existem mais alguns indícios esclarecedores sobre este assunto: primeiro, a rivalidade entre as duas equipes que – desde a fundação, estendendo-se aos anos subseqüentes – era muito grande. Maior do que deveria, sendo que o Internacional era um dos principais times e, sem dúvida, o mais badalado nos meios sociais curitibanos e o América um time aparentemente desconhecido, sem tradição alguma. Segundo, mesmo havendo esta forte rivalidade, constantemente eram marcados amistosos entre as equipes, disputados no campo^{xx} do Internacional, chegando até a acontecer, em algumas oportunidades, o gentil empréstimo do campo para que o América pudesse realizar partidas contra outras equipes. Terceiro, em 1924, os dois clubes, ambos em crise, resolvem se unir fundando um outro clube, o Clube Atlético Paranaense. Os indícios são contraditórios, enquanto o primeiro reforça a dissidência, os seguintes, ao contrário, são favoráveis à uma relação amistosa.

Um último detalhe: mesmo sendo praticamente irrelevante nestes primeiros anos da prática futebolística, o América, nos anos subseqüentes, se tornaria uma das equipes mais reconhecidas e simpáticas ao público (se não fosse a mais). O *Diário da Tarde*, reiterando o fato, em 1915 noticiava:

A animação nas archibancadas tornava-se cada vez mais frenética pois partiam das archibancadas gritos applausos ao conhecido inigualavel America. (...) Torcedores das archibancadas no auge do entusiasmo atiram seus chapéus aeroplano que fizeram suas aterrissagens no meio do campo, donde foram gentilmente trazidos pelos dignos players do América.^{xxi}

Outra nota dizia: “América Sport Club – Esta distincta sociedade sportiva, que dia a dia vai conquistando a sympathia do povo paranaense (...)”.^{xxii} Ou ainda “O América dia a dia vae se tornando mais querido do povo e da Elite paranaense.”^{xxiii} Apesar de reforçar a característica popular do América, novamente o diário relaciona-o as elites paranaenses. Contudo, segundo a afirmativa do cronista, aos poucos era que o América ganhava a simpatia das elites. Provavelmente, sua origem realmente tenha sido secundária, mas o processo de consolidação do futebol no Estado, em constante mudança, tornara-o um dos clubes mais admirados. Talvez surgisse daí a rivalidade Internacional versus América, na disputa pela atenção da sociedade local.

Sobre o nome escolhido para o novo clube que estava sendo fundado, acredita-se que o mesmo tinha uma função social muito semelhante a do Internacional F. C. Ambos escolheram nomes abrangentes, procurando se desvincular da relação

com qualquer etnia ou classe que compunham a configuração^{xxiv} paranaense. O termo América, na República Velha fortemente influenciada pelo positivismo, por exemplo, simbolizava o futuro e o progresso. Segundo o pensamento da época, era o novo país que, por meio dos ideais republicanos e da força da liberdade, tentava se consolidar como uma potência mundial.^{xxv}

O(s) símbolo(s) do(s) América(s)

A análise iconográfica do símbolo escolhido pelos criadores do América *Football Club* também pode fornecer alguns pontos elucidativos sobre sua origem. Analisar-se-á suas minúcias:



Emblema (símbolo) do América Football Club. Aros circulares envolvendo um outro círculo. As iniciais do Clube constam no interior do círculo, as letras são simetricamente adaptadas ao formato arredondado do emblema. Quanto ao “tipo” o clube preferiu letras sóbrias (limpas).

Mas destaca-se, a falta de originalidade na escolha do nome e, conseqüentemente, do símbolo. Já existiam outras equipes chamadas América, na época da fundação do clube paranaense. As similaridades com estas equipes não se restringem apenas aos nomes. O símbolo da equipe carioca congênere também serviu de referencial para o clube curitibano e as semelhanças com ela são mais acentuadas ainda do que a existente entre o Internacional paranaense, o Internacional gaúcho e a

Internazionale de Milão. Mais do que parecidos, o símbolo dos “Américas” são praticamente idênticos.



Símbolo do América Futebol Clube do estado do Rio de Janeiro. Com exceção do aportuguesamento do nome, os símbolos são praticamente idênticos: ambos têm a predominância do vermelho e branco, embora a equipe curitibana tenha no seu símbolo detalhes em preto. A mesma estrutura arredondada, composta de aros ao redor de um círculo maior com as iniciais do clube. Estas são escritas “lado-a-lado”, com letras claras. Também há uma pequena diferença: o América curitibano usa letras e traços mais finos, enquanto a equipe carioca utiliza um estilo mais grosso.

A utilização do epíteto América para equipes de futebol brasileiras é bastante comum^{xxvi}. Poderia ser um indício do início da influência norte-americana, mas nem as fontes históricas nem a historiografia sobre o esporte confirmam tal possibilidade. Sabe-se que as equipes que adotaram o nome, na sua maioria, escolheram-no em homenagem a equipe carioca, a primeira a ser fundada em 1904. Algumas até registraram tal referência em sua própria documentação de fundação, como é o caso do América da cidade de São José do Rio Preto, no estado de São Paulo, fundado bem depois, em 1946.

Dessa forma, a escolha de tal nome pelos paranaenses, possivelmente se deu porque, nas décadas de 1910 e 1920, o América carioca era um dos melhores e, conseqüentemente, mais reconhecidos times do Brasil, inclusive obtendo os títulos de campeão carioca nos anos de 1913 e 1916, fator que pode ser o elemento decisivo na escolha do nome, lembrando que as especulações da criação do novo clube iniciaram-se nesta mesma época.

Também é de se considerar a característica fidalga que o América carioca tinha no período. Por exemplo, figurava em seu quadro o elegante *goal-keeper* (goleiro) do selecionado nacional, o jovem Marcos Mendonça, um dos responsáveis pelo grande fluxo de refinadas senhoritas das elites cariocas rumo aos *grounds* (campos) do Rio de Janeiro, principalmente se o jovem goleiro estivesse trajado com suas vestes brancas e sua toalha roxa – presença constante no ombro do jogador para que, em nenhum momento, seu rosto estampasse as “anti-higiênicas” gotas de suor^{xxvii}.

Todos esses fragmentos de história, agrupados e analisados, deram uma valiosa contribuição para a “construção” de uma história social do surgimento do América *Football Club*.

Adesão ou conflito? Uma história para o América Football Club

O surgimento do América curitibano remete para a influência vinda de outros estados. Podendo ser um dos primeiros clubes do *boom* esportivo que, segundo Sevcenko^{xxviii} e Kowalski^{xxix}, se iniciou na década de 1910, com as elites dominantes das grandes metrópoles brasileiras, difundindo-se, logo em seguida, para os mais variados recantos do país.

Eram os associados menos prestigiados do Internacional que, estando descontentes, procuraram fundar um outro clube de características mais populares, influenciados pelas constantes tensões clubísticas (algumas até de cunho civilizatório^{xxx}) e a influência vinda de outros estados – como, por exemplo, o processo de entrada do *Sport Club Corinthians Paulista*, na Liga Paulista de Futebol^{xxxi}.

Sabe-se com certeza que o América teve associados em comum com o Internacional e que estes o abandonaram para ingressar no novo clube. Mas, assim como a cisão podia ser em consequência das divergências entre os sócios, originárias pela solicitação não atendida da compra do jogo de camisas (que não foi noticiada pelo *Diário da Tarde*), poderia ser também por vários outros motivos. Ocorreram discussões na escolha dos jogadores que iriam compor a equipe que enfrentaria o visitante time carioca do Flamengo - que aceitara, em meados de 1914, o convite para vir a Curitiba enfrentar o Internacional^{xxxii}. O *Diário da Tarde* reforçava esta hipótese noticiando:

Imprudencia dos players paranaenses – Players do Flammengo Foot Ball Club.

Tivemos hontem o desagradável ensejo de, nos match-trainnings da Água Verde, verificar a desídia reinante entre os players do conjunto a

encontrar-se proximamente com o Flammengo. Infelizmente os nossos jogadores, ao que transparece, não estão empenhados nessa pugna como o campeão carioca, victorioso em sensacionaes matchs. Lamentamos sinceramente a falta absoluta de treinamento dos foot ballers patrícios, que não cogitaram até então da organização [sic] de uma linha de ataque homogenea e defesa efficiente.(...) é preciso, pois, que nossos jovens players se preparem para resistir galhardamente a tão fortes adversários evitando assim uma derrota completa. ^{xxxiii}

É provável que a própria história Clube de Regatas Flamengo tenha servido de referência para que os dissidentes tivessem a iniciativa de fundar um outro clube. O clube carioca havia aderido ao futebol há apenas dois anos, quando nove jogadores do Fluminense *Football Club* deixaram seu clube de origem e instituíram a prática do futebol no clube que era exclusivo para a prática do remo. O motivo para o conflito era aparentemente trivial: um dos principais jogadores do Fluminense seria colocado “na reserva.”^{xxxiv} O escritor Ruy Castro nos dá um entendimento melhor do que ocorrera, ao mesmo tempo em que apresenta um bom panorama da mentalidade dos praticantes do futebol: “Na época, isso podia acontecer. Os jogadores eram amadores, não assinavam contratos, não eram empregados do clube. Ao contrário: eram dirigentes ou associados, pagavam mensalidade e faziam suas próprias chuteiras no sapateiro. Quase todos eram estudantes ou tinham famílias abonadas.”^{xxxv} Mesmo sendo um clube cuja prática futebolística tinha acabado de ser instituída, o C. R. Flamengo fora vice-campeão carioca nos anos de 1912 e 1913, sagrando-se campeão no ano seguinte. Possivelmente, por causa deste recente sucesso, tenha surgido o convite para a disputa amistosa com o Internacional.

Havia ainda outros possíveis motivos para a criação do novo clube: por exemplo, para – naquela primeira reunião destinada à criação da Liga (onde constava pela primeira vez o nome do América) – aumentar o poder do grupo de aliados ao Internacional, rivalizando-se ao grupo do Coritiba e Paraná. Assim, poderiam os diretores internacionalistas pedir para seus jogadores do segundo quadro efetivarem seu pequeno clube (quase um clube colegial). Atingido os objetivos – ou não –, ambos preferiram a prática esportiva entre eles – América e Internacional –, jovens refinados da sociedade paranaense, já que somente esporadicamente eram marcados jogos contra outras equipes.

As partidas entre ambos eram realizadas, na maioria dos casos, no campo comum situado nos arrabaldes da Água Verde. Por exemplo, numa partida entre as duas agremiações no início de 1915, “O team do América ao entrar no campo levou ao captain do Internacional do team alvi-negro senhor Torres, um bellissimo bouquet de flores, tendo os espectadores que se apinhavam nas archibancadas, applaudido esse

acto gentil do team alvi-rouge.”^{xxxvi} Gradualmente, o vínculo entre ambos foi acabando, culminando com uma “real” divergência no final de 1915.

Considerações Finais

Se a escala de observação for alargada, serão visualizadas mudanças na estrutura futebolística brasileira de forma geral e não somente na estruturação bastante específica do América da cidade de Curitiba. O futebol paulista e carioca, mesmo contra a vontade as elites dominantes que o utilizavam como um meio de distinção social, começara a ser incorporado pelos populares que o praticavam em lugares considerados impróprios, além de incomodar o refinado público dos estádios com a sua presença. Assim, é descrito:

Se mesmo nos bairros mais afastados esses grêmios [pequenos clubes] continuavam a constituir-se em associações fechadas, acessíveis apenas a um grupo social restrito, em outros espaços já se podia notar a atração que o jogo de bola ia exercendo em indivíduos de outras classes, que não poderiam associar-se a eles. Nos mesmos jogos nos quais o Fluminense juntava em suas arquibancadas uma juventude elegante e seleta, uma pequena multidão de curiosos divertia-se do lado de fora por sobre os telhados e muros apreciando o jogo dos jovens rapazes (...). Entre o interesse manifesto pela curiosidade de quem se espreme para assistir aos jogos e a tentativa de começar a praticá-lo em seus próprios espaços, não parecia haver um caminho muito longo.^{xxxvii}

Curitiba, aproximava-se – pelo menos no quesito esportes – das esfuziantes cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. O surgimento do América – e mais alguns clubes – era apenas um pequeno sinal de que o caminho curitibano poderia ser, com alguns anos de diferença, semelhante ao dos grandes centros brasileiros.

A partir de 1914, com o surgimento de vários clubes na cidade de Curitiba e arrabaldes, a prática futebolística paranaense, não dependia tanto da iniciativa de agrupamentos étnicos ou das elites locais, o que exigia novas medidas por parte destas.

Aquilo que porventura poderia ser considerado por alguns “fogo-de-palha” – opinião do escritor Graciliano Ramos - começava a ganhar “corpo”^{xxxviii}. As notícias eram cada vez em maior número e tamanho. Os praticantes eram acentuadamente mais ecléticos, variando desde os grupos sociais até a faixa etária. Os fidalgos praticantes do *football* precisavam, então, de novos mecanismos de exclusão. Surgiria então uma instituição regulamentadora – a Liga -, o mesmo mecanismo adotado, anteriormente, pela elite clubística dos grandes centros. Mas, esta é outra história...

-
- ⁱ Doutorando em História. Universidade Federal do Paraná. Professor do Centro Universitário Positivo – UnicenP.
- ⁱⁱ CARDOSO, F. G. *História do futebol paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1978. COELHO, V.; CARNEIRO NETO. *Atletiba – a paixão das multidões*. Curitiba: dos autores, 1994. MACHADO, H. I.; HOERNER JÚNIOR, V. *Atlético a paixão de um povo*. Curitiba: dos autores, 1994. _____.; CHRESTENZEN, L. M. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Grafipar, 1991.
- ⁱⁱⁱ DIÁRIO DA TARDE, 16 dez. 1913, p.2.
- ^{iv} DIÁRIO DA TARDE, 13 out. 1913, p. 5.
- ^v MACHADO, H. I.; HOERNER JÚNIOR, V. *Atlético a paixão de um povo*. Curitiba: dos autores, pp. 20-21.
- ^{vi} Idem. Idem.
- ^{vii} DIÁRIO DA TARDE, 22 nov. 1913, p. 3. [grifo meu].
- ^{viii} OLIVEIRA, R. C. de. *O silêncio dos vencedores – genealogia, classe dominante e Estado do Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001, p. 226.
- ^{ix} CLUBE ATLÉTICO PARANAENSE – *paixão e tradição*. Curitiba: Top Mídia, 1997. CD-ROM.
- ^x RIBEIRO, L. C. *Metodologia para uma história da formação do futebol profissional*. In: COLETÂNEA ENCONTRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6, 1998, Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho, 1998.
- ^{xi} HAMILTON, A. *Um jogo inteiramente diferente! futebol: a maestria brasileira de um Legado Britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.
- ^{xii} Sobre a análise iconográfica ver: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (org.). *Desafios da imagem – fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998. KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia: Ateliê Editorial, 1999.
- ^{xiii} DIÁRIO DA TARDE, 03 out. 1914, p. 4.
- ^{xiv} DIÁRIO DA TARDE, 16 ago. 1912, p. 2.
- ^{xv} DIÁRIO DA TARDE, 08 mar. 1915, p. 2.
- ^{xvi} DIÁRIO DA TARDE, 17 out. 1912, p. 3. [grifo é meu].
- ^{xvii} JESUS, G. M de. *Futebol e racismo no Rio Grande do Sul: a liga canela preta*. In: COLETÂNEA DO CONGRESSO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 6, 1998, Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998, p. 422.
- ^{xviii} Sobre o método indiciário ver: GINZBURG, C. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel, 1989. _____. *Mitos emblemas sinais – morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. _____. *O queijo e os vermes – o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. _____. *Olhos de madeira – nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ^{xix} GAZETA DO POVO, 02 abr.1924, p. 3.
- ^{xx} O Internacional, na época, já tinha um campo de futebol, mas este ainda não tinha arquibancadas, sendo assim, não podia ser considerado um estádio.
- ^{xxi} DIÁRIO DA TARDE, 26 maio 1915, p. 3.
- ^{xxii} DIÁRIO DA TARDE, 07 jul. 1915, p. 4.
- ^{xxiii} DIÁRIO DA TARDE, 02 abr. 1915, p. 4.
- ^{xxiv} ELIAS, N.; DUNNING, E. *Introdução à sociologia*. Portugal: Edições 70, 1980.
- ^{xxv} SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, pp. 12-25.
- ^{xxvi} O endereço eletrônico do América Futebol Clube do Rio de Janeiro registra em seus domínios a existência de 14 equipes com o mesmo nome. Destas equipes somente uma, o América mineiro, não tem o símbolo semelhante ao América “original”. O América paranaense, obviamente, não se encontra nesta relação porque em 1924 deixa de existir, tornando-se – junto com o Internacional – o Clube Atlético Paranaense.
- ^{xxvii} PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania - uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, pp. 109-110.
- ^{xxviii} SEVCENKO, N. (Org.). *História da vida privada no Brasil*. República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. _____. *Orfeu extático na metrópole – São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ^{xxix} KOWALSKI, M. *Estilo de vida e futebol*. In: COLETÂNEA DO ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE, LAZER E DANÇA, 6., Gramado. Gramado: UFRS, 2000.
- ^{xxx} ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Rio de Janeiro: Difel, 1997. _____. *O processo civilizador – uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1.

-
- ^{xxx} NEGREIROS, P. J. L. de C. *Resistência e rendição* – a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo, 1910-1916. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em História) – PUC, pp. 134-147.
- ^{xxxii} DIÁRIO DA TARDE, 24 ago. 1914, p. 3.
- ^{xxxiii} DIÁRIO DA TARDE, 28 ago. 1914, p. 3.
- ^{xxxiv} MATTOS, C. *Cem anos de paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, pp. 66-68.
- ^{xxxv} CASTRO, R. *O vermelho e o negro* – pequena grande história do Flamengo. São Paulo: DBA, 2001, p. 44.
- ^{xxxvi} DIÁRIO DA TARDE, 08 abr. 1915, p. 2.
- ^{xxxvii} PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania* - uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, pp. 57-59.
- ^{xxxviii} HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, pp. 123-133.